

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E PAPEIS DE GÊNERO NO CAMPO

GIOVANA FINATO ZABOT¹

INTRODUÇÃO

Os papéis de gênero profundamente arraigados na sociedade determinam as funções sociais atribuídas aos homens e mulheres. Em todo o mundo, as feministas têm lutado para quebrar esses paradigmas e emancipar as mulheres das definições baseadas em pensamentos machistas sobre o que é ser mulher e qual é o seu lugar no mundo.

A divisão sexual do trabalho vai além dos comportamentos sociais esperados das mulheres e define quais trabalhos são destinados a elas. Isso inclui principalmente o trabalho doméstico não remunerado e empregos desvalorizados dentro do mercado de trabalho, como empregadas domésticas, enfermeiras e professoras. Essa divisão está relacionada aos conceitos de "público" e "privado", onde a vida pública, que envolve trabalhos bem remunerados e prestigiosos, é considerada pertencente ao homem, enquanto a vida privada, que engloba o trabalho doméstico e a criação dos filhos, é designada à mulher.

No campo, essa dinâmica não é diferente, mas apresenta suas particularidades. Nas famílias de agricultores, principalmente entre casais idosos, é comum que a mulher seja responsável pelos serviços domésticos, pela produção agrícola para consumo próprio, pela horticultura e pela criação de pequenos animais. Todos esses trabalhos estão relacionados ao ambiente da casa e seus arredores. Por outro lado, o homem é responsável pelo trabalho nas plantações voltadas para o mercado e pela administração dos bens e renda da família. O trabalho realizado pela mulher junto com o marido muitas vezes é considerado apenas uma "ajuda".

Além disso, é comum que a produção da mulher seja feita de forma orgânica, enquanto a do homem é feita de forma convencional, com o uso de agrotóxicos. Cabe ao homem a venda da produção, o que envolve interações com um grupo mais amplo de pessoas, enquanto a mulher se limita ao cuidado da casa e dos filhos, com contatos mais próximos limitados a parentes e vizinhos.

Dessa forma, o trabalho das mulheres é invisibilizado: o trabalho doméstico não é considerado como trabalho e, portanto, não é remunerado, enquanto o trabalho no campo não é valorizado o suficiente, sendo visto apenas como uma ajuda.

¹ Acadêmica/Discente do curso de Licenciatura em Geografia, Universidade Federal da Fronteira Sul

O objetivo deste ensaio é compreender como essa divisão do trabalho e dos papéis de gênero se manifesta na perspectiva de duas mulheres de uma mesma família de agricultores familiares e de diferentes gerações na cidade de São Domingos do Sul, Rio Grande do Sul.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O ensaio foi desenvolvido por meio de uma entrevista realizada com as duas participantes em sua propriedade. A entrevista incluiu perguntas sobre os trabalhos realizados de forma geral e questões específicas sobre a vida das entrevistadas como as atividades realizadas, seu papel na produção da família, sua visão de mundo e a forma como elas se veem como mulheres agricultoras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira entrevistada foi Maria, uma mulher de 56 anos, aposentada, que sempre viveu no campo como agricultora. Na propriedade, ela reside com seu marido, seus dois filhos, nora e neto. Eles trabalham com produção orgânica e agroindústria de bioinsumos.

De acordo com Maria, não há um responsável principal na propriedade e todos trabalham em conjunto. Embora haja uma certa divisão de trabalho, todos colaboram nas atividades agrícolas e compartilham as responsabilidades. Maria sempre viveu no campo e nunca sentiu vontade de morar na cidade. Ela concluiu o ensino médio e estudou para ser auxiliar de escritório, mas nunca exerceu essa profissão. Sua parte favorita do trabalho na lavoura é cuidar das flores, chás e temperos. Atualmente, sua ocupação principal é cuidar das tarefas domésticas. Há alguns anos, Maria sofreu um grave acidente que dificultou sua capacidade de trabalhar nas roças como costumava fazer. Além disso, ela largou o trabalho na lavoura há alguns anos para cuidar integralmente de sua sogra, quando esta ficou doente.

Maria tem um papel social e político bastante ativo. Atualmente, ela é presidente do Partido dos Trabalhadores da cidade de São Domingos do Sul e sempre esteve à frente de diretorias de associações de trabalhadores e da comunidade rural. No entanto, ela observa que esses espaços são predominantemente ocupados por homens. Ao refletir sobre as mulheres em seu entorno, ela comenta que *“muitas são mais passivas e ainda não perceberam que tem espaços que precisam ser ocupados por elas”*. Elas tendem a não se envolver e deixar o comando para os homens.

Ao final da entrevista, quando questionada sobre o significado de ser uma mulher agricultora para ela, Maria destaca que as mulheres são fundamentais para a continuidade da agricultura familiar, que é o cerne do trabalho e da família. Ela ressalta que, sem o trabalho das mulheres, as demais atividades não podem ser desenvolvidas adequadamente. Maria também destaca a falta de valorização do trabalho da mulher, principalmente o trabalho doméstico, que muitas vezes não é percebido como trabalho. “*A mulher é três pilares da casa e mais metade*”, brinca Maria.

A segunda entrevistada foi Letícia, nora de Maria, com 32 anos de idade. Ela não vem de uma família de agricultores e sempre viveu na cidade. Seu contato com o campo foi estabelecido através de seu envolvimento em movimentos sociais.

Letícia trabalha principalmente na gestão da agroindústria, nas vendas e no marketing, enquanto seu marido se dedica principalmente ao trabalho na lavoura; ela também auxilia seu marido nas tarefas agrícolas e na agroindústria, especialmente durante os períodos de plantio e colheita e “*no que tiver que fazer*”. Em relação ao trabalho doméstico e ao cuidado do filho, ela é a principal responsável, já que passa mais tempo em casa. Muitas vezes, eles levam o filho consigo durante o trabalho.

Além de suas responsabilidades na propriedade, Letícia também participa do conselho agropecuário da cidade, que visa definir políticas públicas para os agricultores locais. Ela menciona que, como conselheiras, há poucas mulheres, cerca de duas para cada vinte homens. Letícia enfrentou dificuldades para alcançar essa posição, pois além de ser subestimada como mulher, também foi questionada por não ter crescido no campo; “*sou da cidade*”.

Para Letícia, ser uma mulher agricultora não é fácil, especialmente porque o campo é um ambiente bastante machista. Ela reconhece que as mulheres possuem “*uma sensibilidade maior no cuidado com os espaços, as pessoas e os conhecimentos*” envolvidos na agricultura, mas também ressalta que essas características podem ser baseadas em estereótipos socialmente impostos. Na realidade, ela admite ter dificuldade em se identificar como uma agricultora, uma vez que não teve uma criação no meio rural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar pesquisas teóricas sobre o assunto, é comum notar um padrão em que as mulheres mais velhas são mais inseridas nos estigmas sociais dos papéis de gênero e da divisão sexual do trabalho, devido às suas criações baseadas em pensamentos considerados conservadores nos dias de hoje.

No entanto, a entrevista revelou dois casos particulares interessantes: ambas as mulheres têm consciência sobre o preconceito de gênero e o machismo. Maria, mesmo não sendo questionada diretamente sobre o assunto, espontaneamente trouxe à conversa a desvalorização do trabalho feminino, destacando a importância dele para o funcionamento de toda a dinâmica de produção e vida familiar. Por outro lado, Letícia tende a caracterizar seu trabalho como apenas uma ajuda, não reconhecendo seu esforço e empenho como um trabalho real, e também não se vendo como uma trabalhadora rural.

Ambas as mulheres têm uma participação política significativa e mencionam seus esforços para ocupar esses espaços, revelando que ainda precisam se esforçar para serem reconhecidas e respeitadas. Podemos observar que ambas conseguem romper algumas barreiras sociais e estão envolvidas nas discussões feministas, mas também estão suscetíveis a alguns desses paradigmas que ainda persistem.

REFERÊNCIAS

BRUMER, Anita; ANJOS, Gabriele dos. **Gênero e reprodução social na agricultura familiar**. Revista NERA, Presidente Prudente, ano 11, ed. 12, p. 6-17, jan.-jun. 2008.

RAMOS, Crystiane Pontes. **Mulheres rurais atuando no fortalecimento da agricultura familiar local**. Gênero, Niterói, v. 15, n. 1, p. 29-46, 2.sem. 2014.

SALES, Celecina de Maria Veras. **Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos**. Estudos Feministas, Florianópolis, mai.- ago. 2023.

SANTOS, Jordan Brasil dos; BOHN, Liana; ALMEIDA, Helberte João França. **O papel da mulher na agricultura familiar de concórdia (sc): o tempo de trabalho entre atividades produtivas e reprodutivas**. Textos de Economia, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 1-27, jan.- jul. 2020.

SPANEVELLO, Rosani M. *et al*; **Mulheres Rurais e Atividades não Agrícolas no Âmbito da Agricultura Familiar. Desenvolvimento em Questão**. Rio Grande do Sul, Brasil, vol. 17, núm. 48, 2019.